**EP 16 - Michel Laub**

Bom, muita gente nesse programa fala sobre livro de ficção ou de poesia. No meu caso vou falar de um livro de não ficção, que é “A menina sem estrela”, que é uma reunião de crônicas memorialísticas do Nelson Rodrigues, publicada no Correio da Manhã em 1967.

-

Bom, essa é uma reunião de textos em que o Nelson Rodrigues faz uma rememoração da própria vida. Ele teve uma vida muito trágica... viu o irmão sendo assassinado, ele teve uma filha que nasceu cega, daí o título do livro “A menina sem estrela”, ele passou por períodos de pobreza extrema, foi internado em sanatórios de tuberculose. E ele faz uma mistura disso, como é muito típico da obra dele, desse caráter trágico da própria vida com algo muito cômico também, que se dá por meio do estilo dele que é caracteristicamente obsessivo.

-

Então eu estava já bastante familiarizado com o universo do Nelson, aquela coisa das famílias do Rio de Janeiro, do subúrbio, dos adultérios, dos crimes de amor, das paixões pelas professoras etc., aquela coisa muito trágica dele.

Quando eu comecei a ler as crônicas, e foi um pouco mais tarde, eu descobri que aquilo tinha uma elaboração textual muito, para mim, muito mais interessante do que a elaboração que ele conseguia fazer no teatro. Eu gosto do teatro do Nelson, mas eu ainda acho que ele como cronista é melhor. E não só como cronista do jornal do dia a dia, mas como, especialmente, como memorialista. Então eu concordo com o Ruy Castro, que foi o organizador dessas crônicas do “Menina sem estrela” na primeira edição que foi, eu acho, dos anos noventa, da Companhia das Letras. Ele acha que ali está o melhor Nelson Rodrigues, eu acho, eu concordo com ele, ali são crônicas, acho que publicadas ao longo de alguns meses, seis, oito, dez meses, eu não sei, num ano específico e que cobrem muito mais do que aparentemente elas cobrem, que é aquele dia a dia da época assim, né? Ele, ele acaba entrando em searas muito mais importantes dos costumes brasileiros, da história brasileira, da política e da relação dele como artista com essa realidade.

-

Esse é um livro ao qual eu volto muitas vezes... eu não tenho muita dúvida de dizer que é um dos melhores textos da língua portuguesa, eu acho que, para mim pelo menos, dos textos da linha portuguesa, pelo menos os publicados por autores brasileiros, ele está ali entre ali os três primeiros, talvez. Eu gosto muito do “Grande Sertão: Veredas”, do “Memórias Póstumas”, de vários outros livros, mas nenhum desses... nenhum desses eu volto com a frequência com que eu volto ao texto do Nelson, porque, basicamente, porque era um livro muito engraçado, e a par de toda, todo conteúdo trágico dele, ele é um livro que me faz rir cada vez que eu pego ali, duas, três linhas, eu começo a rir já.

-

Eu, cada vez mais eu me dou conta de que, o que eu gosto num livro, pelo menos para fazer com que ele se sobressaia em relação aos outros, é quando eu percebo que o escritor está sendo ele mesmo. É uma coisa totalmente subjetiva, porque ele não está sendo ele mesmo, na verdade ele está fazendo literatura, mas de alguma maneira ele faz, ele cria uma ilusão ali no leitor, de que aquilo que ele faz no livro é autêntico. No caso do Nelson Rodrigues eu não tenho a menor dúvida, até porque é um livro que não é ficcional, embora misture, claro, como toda memória uma reinvenção ali no meio. Mas eu não tenho dúvida de que ele está dizendo o que pensa de verdade, e não no sentido banal da coisa, de dar opiniões controvertidas ou coisa do gênero, mas o tempo inteiro eu noto que ele não faz nenhum esforço para parecer algo que ele não é, e isso é uma coisa que eu valorizo muito, tanto na não ficção, que é o caso aí, quanto na ficção.